

Classificação e recepção
em *Tem uma lua na minha janela*,
de Andréia Delmaschio

*Classification and Reception
in Tem uma lua na minha janela,
by Andréia Delmaschio*

Flora Vigüini do Amaral*

Classificação

Classificado inicialmente como livro de crônicas, cujo público-alvo era o adulto, *Tem uma lua na minha janela*, de Andréia Delmaschio¹, foi publicado em 2015 pela Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo (Secult). A obra, entretanto, está sendo recepcionada por muitos leitores, de variadas idades, como livro infanto-juvenil, de acordo com a autora. Quais fatores

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ Nascida em Vitória, no Espírito Santo, em 20 de abril de 1969, Delmaschio é escritora, professora e pesquisadora. *A máquina de escrever (de) Chico Buarque* foi sua tese de doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É autora do livro de contos *Mortos vivos* (2008), em que apresenta seus primeiros escritos (ficcionais) sobre Chico Buarque. Publicou ensaios sobre as obras de Hoffmann, Rosa, Noll e Manuel de Barros, entre outros. Em 2004 lançou *Entre o palco e o porão: uma leitura de Um copo de Cólera, de Raduan Nassar* (Annablume). Também publicou o livro *Aboio de fantasmas* em 2014, pela Secult.

podem ter contribuído para tal recepção? As ilustrações, feitas por crianças (Flora e Francisco, filhos de Delmaschio)? Ou o texto, que apresenta diálogos entre adultos e crianças? Antes de começarmos a tentar responder às perguntas propostas, faz-se necessário abordar, brevemente, o que vem a ser Estética da Recepção.

De acordo com diversos críticos, o que é concebido como prática de leitura pode mudar diante de diversos aspectos, tais como condições sociais, tempo e lugar. Para Pierre Bourdieu (1996), em contrapartida, é possível afirmar que o livro não chega jamais ao leitor sem marcas, pois já é definido por sistemas de classificação implícitos. Dessa forma, a leitura seria predeterminada por uma norma que classifica as edições e controla sua recepção. De acordo com Bourdieu, a leitura é justificada por sentidos que podem ser impostos por outras pessoas ou até outras instâncias. Assim, para ele, a liberdade de atribuição de sentido à leitura pelo leitor é, neste sentido, relativa.

Para embasar essas discussões sobre a leitura, é importante ressaltar que a Estética da Recepção (ER) surge em 1967, na Universidade de Constança – Alemanha, a partir da publicação da aula inaugural de Hans Robert Jauss. Essa teoria aparece a partir do desejo de examinar e conceder um lugar ao leitor na literatura. Ela perverte o entendimento da teoria da estética tradicional, colocando-se em oposição às correntes teóricas marxistas e formalistas, como a crítica sociológica, o *new criticism*, o estruturalismo e o formalismo russo, que se atentavam apenas para duas questões: obras e autores. O leitor, portanto, ficava à margem. Dessa forma, a ER compreende o leitor como uma peça fundamental no processo de leitura, que atribui sentido ao que se lê, passando a estabelecer uma relação dinâmica entre autor e obra. Sobre a publicação de Jauss, Regina Zilberman explica:

Seu objetivo principal é recuperar a historicidade da literatura, descartada por essas vertentes, meta possibilitada pela valorização da ação do leitor, responsável pela permanente atualização das obras

literárias do passado [...] A Estética da Recepção assume a perspectiva do leitor portanto, conforme sua denominação sugere, ao considerar que é ele quem garante a historicidade das obras literárias. Em decorrência do fato de o leitor não deixar de consumir criações artísticas de outros períodos, essas se atualizam permanentemente (ZILBERMAN, 2008, p. 92).

Sobre o papel e a importância do leitor no que tange à ER, Terry Eagleton discorre:

O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições – e tudo isso significa o uso de um conhecimento tácito do mundo em geral e das convenções literárias em particular. O texto, em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, convites para que ele dê sentido a um trecho de linguagem. Na terminologia da teoria da recepção, o leitor “concretiza” a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página. Sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária (EAGLETON, 2001, p. 105).

Se Jauss estava preocupado com a recepção, Wolfgang Iser já direciona o foco para investigar o tipo de interação que a obra mantém com o leitor durante a leitura, nesse ato individual. Assim, Iser elabora a Teoria do Efeito, cuja origem está atrelada aos estudos de Roman Ingarden. Dessa forma, Iser confere destaque à experiência da leitura de textos literários como forma de aumentar a consciência. É na publicação da obra *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético* (1996) que Iser afirma ser o texto um mecanismo em que o leitor constrói suas próprias representações. Para o teórico, a comunicação entre o leitor e o texto ocorre por meio do diálogo.

No que tange novamente ao papel do leitor, mas agora em relação ao efeito estético, Zilberman afirma que ele se torna co-produtor do significado do texto, preenchendo os espaços ou lacunas que encontra durante o ato de leitura. Isso reforça a ideia de Iser sobre o diálogo entre o leitor e o texto.

Recepção

Intitulado como livro de crônicas, a autora de *Tem uma lua na minha janela* notou que seus leitores adultos se referiam ao livro como literatura infantil. Mas o que levou o leitor adulto a determinar a faixa etária ou o público leitor da obra em questão? É importante ressaltar que a literatura infanto-juvenil ocupa, atualmente, uma parcela significativa do mercado editorial brasileiro. Tal crescimento é acompanhado de um enriquecimento da qualidade estética das obras (aspecto literário e gráfico-visual, por exemplo).

Na literatura destinada ao público infanto-juvenil, autores destacam dois principais subgêneros: o didático e o “livro de literatura infantil”. Este se divide em infantil e juvenil. No que tange à Literatura Infantil, diversos autores destacam, entre suas principais características, o emprego do recurso da ficção; motivação estética; prática do discurso poético; vinculação à voz pessoal; e utilização da ambigüidade. Vale salientar que o aspecto gráfico, a tipologia, as cores, o formato, o papel, são itens usados como recursos integradores da história ao visual do livro. Assim, a forma e o design também podem guiar a recepção das narrativas.

O design do livro infantil se encaixa na observação de Bourdieu sobre o aparecimento de todos os sinais visíveis do esforço para controlar a recepção. Na perspectiva de conquistar um número expressivo de leitores, o design do livro infantil surge como uma opção para controlar a recepção do público leitor. Desde a criação da literatura infantil, no século XIX, o design dessas edições tem passado por um aprimoramento significativo. Dessa forma, atualmente, deposita-se muita expectativa em relação ao visual dos livros infantis de literatura. Da diagramação da capa do livro, por exemplo, espera-se um forte impacto.

Desde o momento em que é utilizado como fator de atração para o público, até a leitura em si, o design do livro infantil é usado como maneira de guiar o leitor segundo intenções já determinadas. Isso porque o mercado editorial, destinado

aos livros infantis, concorre com outras formas de entretenimento infantil (cinema, jogos, internet, brinquedos etc.). Assim, o design pode ser uma ferramenta importante para que o livro tenha êxito na sua finalidade: ser lido por uma pessoa. A forma do livro e a maneira pela qual estão dispostos os elementos que contam a história ajudarão o leitor a percorrer a narrativa.

Pesquisa

Com base nessas informações, nas características que podem interferir na recepção de um livro infanto-juvenil, para analisar o livro *Tem uma lua na minha janela*, utilizamos um material de pesquisa como base. O objetivo, ao final comparando os resultados obtidos em pesquisa, é saber em que sentido concorre para a aceitação da obra por um determinado público o seu prévio direcionamento àquela faixa etária e em que sentido podem mudar as pretensões de criadores, editores, divulgadores.

Para tanto, um grupo de 50 pessoas, ao todo, fora questionado a respeito da obra apresentada no início deste trabalho. A única seleção que conscientemente fizemos foi sobre a idade dos entrevistados, tentando variar ao máximo, com relação à profissão que desempenham e ao seu grau de instrução, receando viciar as respostas e objetivando uma maior espontaneidade. Da mesma forma e com os mesmos objetivos de espontaneidade e representatividade, realizamos com crianças e adolescentes fora do ambiente escolar. Três casos, entretanto, foram na escola.

Dos 50 voluntários, 35 possuíam idade a partir de 18 anos (de 18 a 54 anos) e 15 com menos de 18 anos (de 8 a 17 anos) leram e examinaram *Tem uma lua na minha janela*. As perguntas, em número de 11, foram feitas aos 50 leitores em questionário a responder por escrito e dizem respeito ao seu gosto pela obra lida, sua apreciação da linguagem utilizada pelo autor, para qual faixa etária

indicariam o livro e o seu possível desejo de relê-lo. A pesquisa contemplou moradores da Grande Vitória e de Brasília, no Distrito Federal; crianças que estudam na rede pública e crianças que estudam na rede particular de ensino; além de jovens estudantes e adultos de profissão variada: professor, jornalista, advogado, servidor público, engenheiro, empregada doméstica, comerciante, biólogo, taxista, administrador e defensor público.

Análise de dados obtidos

As perguntas foram:

QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DE LEITURA E DE PROJETO GRÁFICO
LIVRO: *TEM UMA LUA NA MINHA JANELA*, DE ANDRÉIA DELMASCHIO

- 1 Nome:
- 2 Idade:
- 3 Profissão:
- 4 Você gostou deste livro? Sim () Não ()
- 5 Por quê?
- 6 Sobre a maneira do autor escrever, o que você achou?
- 7 Você indicaria este livro para pessoas de que idade?
- 8 Por quê?
- 9 Houve algo que não gostou no livro? Sim () Não ()
- 10 O quê?
- 11 O que achou da capa e das ilustrações do livro?

Algumas observações são feitas pela frequência com que ocorrem nas respostas dadas sobre a obra lida. Uma delas é sobre a linguagem utilizada no texto, sendo o aspecto positivo comumente citado, estabelecendo, em alguns casos, o critério de afinidade do texto por parte do leitor. A linguagem é taxada de “fácil”, “engraçada”, “leve” e “descontraída” tanto por crianças quanto por jovens e adultos. Outro aspecto que chama à atenção é a adequação da faixa etária para a qual indicariam o livro. Jovens e adultos (de 18 a 54 anos) indicariam o livro para crianças e ou para crianças e adultos, ressaltando que esses adultos

deveriam ser mães. Ou seja, como há forte presença da personagem “mãe”, que dialoga no livro em diversos momentos com os filhos, ora Francisco, ora Flora, ora os dois, para essa faixa etária de leitores, tal obra poderia agradar esse tipo de público. Alguns sugerem ainda “que a mãe leia o livro para as crianças que estão em processo de alfabetização”.

Já para as crianças e adolescentes, (de 8 a 17 anos), o livro, visualmente, lembra um livro infantil. Mas como só a capa é colorida, mesmo que os desenhos pareçam ou tenham sido feitos por crianças, a falta de cor é um problema. Para tanto, foram feitos comentários como “o dinossauro tinha que ser verde”, em relação à imagem do “Enormossauro”, na página 21, “é tudo cinza e triste”, destacou uma voluntária de 10 anos de idade, “o desenho é de criança, mas pode ter sido imitado por um adulto”, respondeu um adolescente de 14 anos, por supor que seja um desenho feito no computador, possivelmente no programa Paint.

Ainda sobre as ilustrações, alguns leitores adultos destacaram que o projeto gráfico poderia ser “mais lúdico”. Uma professora de 37 anos destacou que pela capa já havia deduzido que o livro era para um público infantil. E, pela diagramação, talvez até um livro infantil didático.

Ligando dois fatores considerados inicialmente, a questão da apreensão vocabular e linguística e a adequação etária, poderemos concluir que grande parte dos voluntários gostou deles e demonstrou, pelo conjunto de suas respostas, o entendimento da obra em sua totalidade, tendo acrescentado o humor, o gosto pelas histórias cotidianas e o descobrimento do uso de certas palavras por crianças como justificativa para ler o livro novamente e ou indicá-lo.

Assim, *Tem uma lua na minha janela*, teve grande aceitação pelo público sondado, de idades variadas. Constatamos, contudo, que essa apreciação parte um pouco mais do público de 15 a 54 anos. Em contrapartida, foi mais indicada

para a faixa etária oposta, de 7 a 12 anos de idade, ou para mães, de qualquer faixa etária. O aspecto que mais se destaca pelo leitor de 7 a 17 anos parece ser o enredo da narrativa, avaliado tanto positivo quanto negativamente nas respostas dadas. Quando citado como aspecto negativo, ele será adjetivado de “curto”, “história muito pequena”, “confuso”. Quando visto positivamente, será destacado pelo humor “historinha engraçada”, “legal”, “divertido” e até mesmo “irreverente”.

Parece-nos, que a ausência de uma linearidade, sem a presença dos artefatos comuns dos contos-de-fadas tradicionais, com seres fantásticos, usos da marca de contação de histórias como “era uma vez”, diminuíram um pouco a possibilidade de leitura do público infantil muito mais do que propriamente a falta de cor nos desenhos feitos por crianças.

Leitura

Ao concluir este trabalho, fica-nos a sensação de que nem todos os questionamentos tiveram resposta, mas entendemos que o empreendimento da pesquisa não foi em vão. Ainda que singela, levou-nos a compreender que, se não são novas, ao menos agora, nos parecem de certa forma provadas. Assim é que apontamos, no decorrer das nossas análises, para a necessidade de observar, como propõe Bourdieu, na produção e divulgação da obra escrita para crianças, aspectos como adequação aos diversos níveis de desenvolvimento psíquico por que passam as crianças, a importância dos aspectos visual, sonoro e material para os leitores na faixa de até 12 anos, da inegável diferença de capacidade de apreensão vocabular nos variados estágios e faixas de idade.

O curioso é que, em entrevista² realizada com a autora como matéria para a produção deste trabalho, ao ser indagada se o projeto gráfico do livro (capa, desenhos infantis, etc.) foi o que possibilitou que a interpretação da obra fosse mais indicada pelos leitores para o público infantil e juvenil do que propriamente o texto em si, Delmaschio responde: “Sim, mas esse projeto tem uma razão de ser que só se compreende lendo o livro. Talvez a crise maior hoje (me dói admitir) seja de leitura” (DELMASCHIO, 2018).

Pela pesquisa, fica clara a aderência do público adulto ao livro, mas indicando-o para faixas etárias menores justamente pelo projeto gráfico. A leitura, em contrapartida, não foi entendida como uma característica predominantemente endereçada ao público infanto-juvenil por parte dos voluntários adultos. Já o público infanto-juvenil, embora tenha apreciado as crônicas, não recepcionou a obra como sendo para sua faixa-etária, uma vez que faltam elementos fundantes para tal afinidade: cor, que envolve o projeto gráfico e linearidade, que envolve o texto, além de outros elementos citados em menor grau de importância.

Em outra pergunta feita para a autora, se a seleção de diálogos de duas crianças, marcando a fase que precede o início da alfabetização, poderia ser um fator que levou muitos leitores, principalmente professores da Educação Infantil e do Ensino Médio, a receber a obra como literatura infantil e juvenil, Delmaschio responde:

Em alguns casos eu acho que a influência maior foi das ilustrações. Mas você traz à tona uma questão importante sobre a (im)possível especificidade do gênero literatura infanto-juvenil: se esses leitores se guiaram pelo fato de as personagens serem crianças, então eles creem que é a idade da personagem que indica se um livro é para crianças ou não? “A aventura da aprendizagem pela fala”, que você refere na pergunta, não é tão ou mais interessante para adultos que observam, do que para as crianças que estão vivendo a aventura? Quem, afinal, retirará mais aprendizagem dali? Por fim, que foi feito do modo de escrita? Mais uma vez, haverá um modo específico de escrita para crianças? E ainda: terá a obsessão temática (pedagógica ou politicamente correta, na pior das hipóteses) tomado conta

² Entrevista disponível no apêndice deste trabalho.

completamente do trabalho de alguns autores que se dirigem hoje às crianças, em livros? (DELMASCHIO, 2018).

Finalmente, recebido ou não como literatura infantil, destaca-se o fato de que é bem possível que os textos interessem tanto a crianças já com alguma fluência na leitura e com um vocabulário razoável, quanto a adultos. Independentemente da classificação que um leitor faça do livro: crônica para adultos, livro infanto-juvenil, *Tem uma lua na minha janela* pode, sim, interessar crianças, afinal essas pequenas crônicas foram adaptadas de falas de crianças, sem exceção; como o público adulto, que pode identificar particularidades não identificadas pelo público infantil. De qualquer forma, a partir da pesquisa empreendida aqui, a obra teve mais aceitação pelo público adulto, mesmo que esse grupo de leitores tenha julgado o livro em questão como um livro para crianças de até 12 anos.

Aproveitamos para lembrar que grande parte das constatações a que chegamos s observados e analisados no decorrer deste trabalho. Esperamos que o material colhido e as análises que esboçamos possam contribuir para a ampliação do debate acerca do gênero literatura infantil.

Referências

- CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Liberdade, 1996.
- DELMASCHIO, Andréia. *Tem uma lua na minha janela*. Vitória: Secretaria de Estado da Cultura do Espírito Santo, 2015.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.
- ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. *A/ea*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 85-97, jan.-jun. 2008.

Apêndice

Entrevista com Andréia Delmaschio Concedida à Flora Viguini em agosto de 2018

1. Como surgiu a ideia para o livro *Tem uma lua na minha janela*?

Quando meus filhos gêmeos começaram a falar, pude notar mais de perto, e com mais frequência, que crianças às vezes dizem certas coisas, ou as dizem de um modo como nós, escritores, gostaríamos muito de dizê-las, mas em geral não conseguimos – pequena exceção para os poetas; não todos os poetas, claro. Isso porque, creio, o modo como sentem e veem e experimentam o mundo a sua volta é menos contaminado de intromissões repressoras (da escola, da religião, do mercado – o complexo ideológico enfim) que o nosso mundo de adultos. Quando eles nasceram, em 2008, eu inaugurei o blog *Aboio de fantasmas*, que era um modo de poder escrever textos curtos e rapidamente obter respostas de leitores, um estímulo a continuar escrevendo. A partir de 2010, aproximadamente, comecei a registrar no blog os pequenos diálogos que as crianças mantinham entre si, comigo, com o pai, os coleguinhas, os professores... Até que uma aluna da graduação me deu a ideia de juntar alguns deles num livro de crônicas (até então eu não tinha pensado sobre em que gênero aqueles textos se enquadrariam, mas aceitei bem a sugestão, por falta de outra caixinha mais adequada...

2. Do contato que você tem com seus leitores de *Tem uma lua na minha janela*, como eles recepcionaram a obra? Eles se referem ao livro como literatura infantil e juvenil ou como crônicas para adultos?

Menina, esse negócio é curioso. Pelo menos umas quatro vezes as pessoas se referiram a esse livro como literatura infanto-juvenil. Claro que eu perguntei por quê! Alguns, notei que não tinham lido, e portanto julgaram pela ilustração da

capa, feita pelos meus filhos. É bem possível que os textos interessem tanto a crianças já com alguma fluência na leitura e com um vocabulário razoável, quanto a adultos, mas não tenho dúvidas de que são textos que fazem pensar sobre aspectos éticos, poéticos, ontológicos e metalinguísticos. Crianças podem se interessar por isso, afinal essas pequenas crônicas foram adaptadas de falas de crianças, sem exceção; mas eu creio que o público adulto vá ver ali outras coisas, diferentes daquelas que as crianças leem nele. Meus filhos andaram presenteando alguns coleguinhas com “o livro deles”, e colheram boa resposta, com relação ao interesse. Um aproveitamento especial, porém, tenho notado nos comentários dos leitores adultos que chegaram até mim.

3. Você já foi convidada para falar sobre o livro em escolas, para um público infantil e juvenil? Se sim, quantas vezes?

Não foi bem uma escola; foram outras duas instituições, cujos nomes não citarei. Em ambas os coordenadores entenderam que se tratava de literatura infanto-juvenil. Não sei dizer qual a razão, e também não sei se isso é um mau sinal.

4. Neste seu sétimo livro, há uma seleção de diálogos de duas crianças, apresentado no formato de pequenas crônicas. As conversas marcam a fase que precede o início da alfabetização. Você acredita que a seleção desse período, sobre a aventura da aprendizagem pela fala, possa ser um fator que levou muitos leitores, principalmente professores da Educação Infantil e do Ensino Médio, a receber a obra como literatura infantil e juvenil?

Como disse acima, em alguns casos eu acho que a influência maior foi das ilustrações. Mas você traz à tona uma questão importante sobre a (im)possível especificidade do gênero literatura infanto-juvenil: se esses leitores se guiaram pelo fato de as personagens serem crianças, então eles creem que é a idade da personagem que indica se um livro é para crianças ou não? “A aventura da

aprendizagem pela fala”, que você refere na pergunta, não é tão ou mais interessante para adultos que observam, do que para as crianças que estão vivendo a aventura? Quem, afinal, retirará mais aprendizagem dali? Por fim, que foi feito do modo de escrita? Mais uma vez, haverá um modo específico de escrita para crianças? E ainda: terá a obsessão temática (pedagógica ou politicamente correta, na pior das hipóteses) tomado conta completamente do trabalho de alguns autores que se dirigem hoje às crianças, em livros?

5. Você acredita que o projeto gráfico do livro (capa, desenhos infantis etc) possibilitou mais a interpretação da obra como infantil e juvenil do que propriamente o texto em si?

Sim, mas esse projeto tem uma razão de ser que só se compreende lendo o livro. Talvez a crise maior hoje (me dói admitir) seja de leitura.

RESUMO: Balizado por sistemas de classificação subjacentes, o livro chega ao leitor com algumas marcas. As intenções implícitas a essas leituras são determinadas, geralmente, por um sistema que classifica as edições e controla sua recepção. A proposta neste trabalho é discutir como o livro *Tem uma lua na minha janela* (2015), de Andréia Delmaschio, foi categorizado por leitores como infanto-juvenil no que tange à editoração e à diagramação. Para tanto, uma pesquisa foi realizada por meio de questionário com a finalidade de identificar as opiniões daqueles que leram a obra. Além disso, serão necessárias as contribuições de Pierre Bourdieu, Regina Zilberman, entre outros autores.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura para crianças e jovens – Andréia Delmaschio. Andréia Delmaschio – *Tem uma lua na minha janela*. *Tem uma lua na minha janela* – Recepção e Classificação.

ABSTRACT: Underpinned by underlying classification systems, the book reaches the reader with some marks. The implicit intentions of these readings are generally determined by a system that classifies edits and controls their reception. The purpose of this paper is to discuss how Andréia Delmaschio's book *Tem uma lua na minha janela* (2015) was categorized by readers as children and youth in terms of publishing and layout. Therefore, a survey was conducted through a questionnaire to

identify the opinions of those who read the book. In addition, the contributions of Pierre Bourdieu, Regina Zilberman, among other authors will be necessary.

KEYWORDS: Literature for Children and Youth – Andréia Delmaschio. Andréia Delmaschio – *Tem uma lua na minha janela. Tem uma lua na minha janela* – Reception and Classification.

Recebido em: 31 de julho de 2019
Aprovado em: 15 de outubro de 2019